

Valorização da língua materna no processo de alfabetização na Educação Escolar Indígena.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18449045>

Feliciano Alex Mbaraka Miri Barreto Cavalheiro (Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE)

Email: feliciano.cavalheiro@unioeste.br

Noelia Kunha Poty Martines (Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE)

Email: noelia.martines@unioeste.br

Resumo: Este texto tem como objetivo analisar de que forma a educação escolar indígena pode contribuir para o fortalecimento da identidade cultural dos povos indígenas, a partir das experiências do estágio curricular obrigatório desenvolvido na disciplina de “*Prática de Ensino II sob forma de estágio supervisionado*” do 3º ano do Curso de Pedagogia da Universidade estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, campus de Foz do Iguaçu. Com base na abordagem qualitativa, a metodologia usada foi a observação participante na escola, documentos legais (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígenas), leituras e estudos bibliográficos, em especial produções acadêmicas de autoria indígena como Gersem Baniwa, Eliane Potiguara, Daniel Munduruku e Tonico Benites. Foram discutidos três eixos principais: a escola como espaço de pertencimento, a valorização da língua materna como expressão cultural e política, e a oralidade como fundamento pedagógico, articulada ao conceito de oralitura. A análise evidencia que a escola indígena, quando construída em diálogo com saberes tradicionais, contribui de forma significativa para a valorização da memória coletiva, o fortalecimento da autoestima dos estudantes e a continuidade dos modos próprios de viver, aprender e ensinar. Reconhecem-se, contudo os desafios estruturais e políticos enfrentados pelas comunidades indígenas na luta por uma educação diferenciada, bilíngue e intercultural. Conclui-se que uma pedagogia verdadeiramente decolonial exige, escuta, respeito, e participação efetiva das comunidades na construção de uma escola enraizada na cultura e na identidade dos povos indígenas.

Palavras-chave: Identidade Cultural; Língua Materna; Educação escolar indígena; Oralidade e Pedagogia Intercultural.

Introdução

A educação escolar indígena tem assumido, ao longo das últimas décadas, um papel estratégico na valorização da língua materna no processo de alfabetização na escola e no reconhecimento dos povos indígenas como sujeitos de direito e de saber. Mais do que um espaço de ensino formal, a escola indígena tem se constituído como um território de resistência, memória e afirmação identitária.

A escolha deste tema nasce da necessidade de compreender como a escola, enquanto política pública e espaço educativo, pode contribuir para a preservação das línguas, saberes e práticas culturais indígenas, respeitando sua autonomia e cosmovisão. Em vez de reproduzir uma educação colonizadora e descontextualizada, que desconsidera os modos próprios de viver, ensinar e aprender desses povos, é fundamental pensar uma pedagogia intercultural, que valorize a diversidade e promova o diálogo entre os saberes tradicionais e os conhecimentos acadêmicos.

Os povos indígenas possuem uma rica tradição oral, uma espiritualidade profundamente conectada à terra e uma organização social marcada pela coletividade e pela escuta dos mais velhos. Contudo, essa identidade tem sido ameaçada por século de violência, deslocamentos forçados, perdas de territórios e negação de direitos. A escola indígena, nesse cenário, pode assumir um papel fundamental: contribuir para o reconhecimento da identidade cultural, para a revitalização da língua materna, para o fortalecimento da autoestima das crianças e jovens para a continuidade dos saberes ancestrais.

Material e Métodos

Este texto possui abordagem qualitativa e a metodologia usada foi a observação participante na escola, leituras e estudos bibliográficos, documentos legais, produções acadêmicas de autoria indígena com ênfase nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena e em textos de autores indígenas como Baniwa (2012), Potiguara (2004), Munduruku (2010) e Benites (2010). O estudo buscou compreender de que forma a valorização da língua materna contribui para o fortalecimento da identidade cultural, considerando fundamentos da pedagogia intercultural e decolonial.

Resultados e Discussão

A partir das leituras e análise de texto dos autores indígenas, foi possível perceber que na escola onde foi realizado a pesquisa, estão seguindo como esses autores afirmam no seu livros e artigos, em relação a escola como espaço de pertencimento, onde as crianças desenvolvem a coletividade com o educador, com intuito de torna-los um sujeito ativo de conhecimento como afirma o autor “Onhombo’ e Rape” que significa (caminho do aprendiz), isso mostra que a aprendizagem das crianças está ligada ao bem viver e à cosmovisão indígena, que entende a Terra como espaço sagrado, de acolhida e convivência com a diversidade. Assim, a escola indígena não é apenas transmissora de conteúdo, mas um espaço de diálogo, reconhecimento cultural, de inclusão e valorização da ancestralidade.

A Resolução do CNE/CEB nº 5 de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena destaca que a “a Educação Escolar Indígena deve contribuir para o projeto societário e para o bem viver de cada comunidade indígena, contemplando ações voltadas à manutenção e preservação de seus territórios e dos recursos

neles existentes" (Brasil, 2012, p. p). As escolas indígenas devem ser respeitadas como educação escolar verdadeiramente específica e intercultural, integradas ao cotidiano das comunidades indígenas, para isso necessitam de autonomia na construção do projeto político pedagógico.

A escola Indígenas também adotam a Língua Materna como principal veículo de saberes ancestral e milenares, também como elemento central da identidade e do pertencimento e como instrumentos políticos contra a invisibilidade, domínio e exclusão principalmente pela sociedade não indígenas. Assim na escola indígenas a alfabetização das crianças ocorrem desde a educação infantil até segundo ano só na Língua Materna, depois do terceiro ano já inclui a Língua Portuguesa, por tanto a língua materna é tratada não apenas como meio de comunicação, mas como prática de resistência, preservação cultural e afirmação política. Isso demonstra que a afirmação dos autores estão contribuindo bastante no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

A escola também possui sua base principal que é a Oralidade como fundamentos pedagógico, que está no centro da proposta metodológica: como escutar e dialogar não somente com professores e alunos, mas também envolver os conhecimentos da comunidades. A oralidade é compreendida como prática de transmissão de saberes e memórias coletivas para fortalecimento da identidade, assim o ensino indígena valoriza a palavra falada e diálogo com pessoas ancião da comunidade para construção de conhecimentos e para incluir na elaboração do (PPP) da escola juntamente com a equipe pedagógica, direção, professores, funcionários, alunos e comunidade. A Escola Indígena são diferenciados, bilíngue e intercultural amparada pela lei da Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei nº 9.394/1996, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (Resolução CNE/CEB nº 5/2012), Decreto nº 6.861/2009. São algumas leis que garantem que a escola indígena seja diferenciada, bilíngue, intercultural e interdisciplinar.

Os resultados mostram que a escola indígena, quando construídas em diálogo com a comunidade, torna-se um espaço significativo para a afirmação identitária e para a valorização da diversidade cultural.

Assim os autores enxergam a escola indígena como território de bem viver e decolonialidade, que deve acolher a diversidade, fortalecer a língua materna como ato cultural

e política e assumir a oralidade como eixo pedagógico essencial para uma educação que respeite e dialogue com as cosmovisões indígenas.

Esses achados dialogam com autores como Gersem Baniwa (2006) e Daniel Munduruku (2012), que defendem a centralidade da Língua e da oralidade na educação diferenciada e intercultural.

Conclusões

Conclui-se que a valorização da Língua materna no processo de alfabetização indígena é fundamental para o fortalecimento da identidade cultural e para a construção de uma escola diferenciada, bilíngue e intercultural. Uma pedagogia decolonial demanda a escuta e o respeito aos saberes tradicionais, assim como a participação efetiva das comunidades na definição de currículos, práticas pedagógicas e materiais didáticos.

Agradecimentos

Este trabalho se inspira nos saberes e experiências dos povos indígenas, reconhecendo sua contribuição para o fortalecimento da educação intercultural. Também valoriza os conhecimentos ancestrais dos povos indígenas contribuindo diálogo entre culturas no campo educacional.

Referências

BANIWA, Gersem Luciano da Silva. **Povos indígenas e educação:** Saberes, políticas e perspectivas de futuro. Petrópolis: Vozes, 2012.

BENITES, Tonico. **O índio brasileiro:** o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação; LACED/Museu Nacional, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em:// www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: (14/07/2025).

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: (21/07/2025).

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 22 de junho de 2012.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena. Diário oficial da União, Brasília, 25 jun. 2012. Seção 1, p.34.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). **Educação Escolar Indígena**: Subsídios para a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais. Brasília MEC/SECADI, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. **A pedagogia da escuta**: experiências e reflexões sobre a escuta como ferramenta pedagógica. Campinas: Papirus, 2010.

GRAÚNA, Graça. **Literatura indígena**: oralidade, escrita e outros modos de expressão. São Paulo: Mazza edições, 2013.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro: Global Editora, 2004.

DORRICO, Julie. **Literatura indígena contemporânea**: os múltiplos territórios da palavra. São Paulo: Jamdaíra, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.